

Resumo de notícias econômicas

11 de Novembro de 2021 (quinta-feira)

Ano 3 n. 212

Núcleo de Inteligência da Sedet



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DO DESENVOLVIMENTO
ECONÔMICO E TRABALHO

PRINCIPAIS NOTÍCIAS DE POLÍTICA ECONÔMICA: 11 NOVEMBRO DE 2021

- IPCA acelera, passa de 10% no ano e juros podem subir mais
- 'A INFLAÇÃO VAI CONTINUAR À NOSSA PORTA ATÉ ABRIL'.
- Inflação nos EUA é a mais alta desde 1990
- Itaú permitirá que cliente 'pule' parcelas de crédito imobiliário
- C&A paga R\$ 415 mi ao Bradesco por serviços financeiros
- Virtuspay, fintech de cofundador da 99, capta R\$ 125 milhões
- Expansão do Caixa Tem
- Inovações no Varejo
- Queda dos juros favorece varejo
- Preço e planejamento andam juntos
- Digitalização pavimenta o futuro do setor de energia
- Conteúdo sobre política é o maior vetor de desinformação do -
- Facebook no Brasil
- 'Precisamos ter responsabilidade durante a crise'
- Preço da Gasolina

IPCA acelera, passa de 10% no ano e juros podem subir mais (11/11/2021)

Broadcast

O IPCA subiu 1,25% em outubro e é de 10,67% em 12 meses, mesmo índice de 2015, no governo Dilma Rousseff. A inflação oficial do País acelerou e ficou mais disseminada em outubro. O IPCA subiu 1,25%, o maior resultado para o mês desde 2002, segundo os dados divulgados ontem pelo IBGE. A inflação acumulada em 12 meses chegou a 10,67%. A taxa de outubro foi a mais elevada de 2021, superando até as expectativas mais pessimistas de analistas ouvidos pelo Broadcast. A alta provocou uma rodada de revisões entre economistas do mercado financeiro, que já projetam um IPCA acima de 10% no encerramento de 2021, ante a meta de 3,75% perseguida pelo Banco Central. Os dados do IBGE mostram que todos os nove grupos de produtos e serviços subiram, com destaque para os transportes (2,62%), puxados pelo aumento nos combustíveis e nas passagens aéreas. A energia elétrica também voltou a subir, e as famílias ainda gastaram 1,17% a mais com alimentação.

No ano, a alta da gasolina já é de 38,29%. “A gasolina tem impacto no frete, que acaba afetando preços de outros itens”, diz Pedro Kislanov, gerente do Sistema Nacional de Índices de Preços do IBGE. A LCA Consultores elevou a projeção de inflação de 2021 de 9,70% para 10,0%, o Bank of America, de 9,1% para 10,1%, e o Barclays, de 9,50% para 10,0%. Além de ajustar as previsões para a inflação de 2021 (de 9,10% para 9,40%) e de 2022 (de 3,90% para 4,40%), a corretora Ativa Investimentos recalculou de 1,5 para 2,0% a alta esperada na taxa básica de juros, a Selic, na reunião do Copom de dezembro.

'A INFLAÇÃO VAI CONTINUAR À NOSSA PORTA ATÉ ABRIL' (11/11/2021)

O Estado de S. Paulo

A inflação não deve dar trégua para o brasileiro até o início do segundo trimestre de 2022, com índices mensais na casa de 1% até janeiro e fevereiro. “A inflação vai continuar batendo à nossa porta até abril do ano que vem”, prevê o coordenador de índices de preços da FGV, André Braz. O alívio, segundo o economista, deve começar a

ser sentido no bolso do consumidor com o fim da bandeira escassez hídrica na conta de luz, prometida pela Aneel a partir de maio. A seguir, os principais trechos da entrevista.

Como o sr. avalia a alta de 1,25% da inflação registrada em outubro?

Ficou acima do esperado. Eu projetava 1%, mas tivemos algumas surpresas. Os serviços de táxi por aplicativo, por exemplo, subiram 19%. Uma alta dessas é muita coisa. Houve aumentos das passagens aéreas, já sinalizado no IPCA-15, refeição fora de casa, lanche. É a combinação da alta dos alimentos, com energia elétrica e a volta das pessoas às lojas, o que ajuda a promover os repasses de aumentos de custos para os preços.

No IPCA de outubro houve alta em todos os grupos. Isso mostra descontrole?

Não. O descontrole inflacionário impõe um ritmo de reajustes muito mais forte do que o atual. O que há é um contágio. Os aumentos de preços dos combustíveis e da energia elétrica ajudam a espalhar a inflação para todos os grupos de preços. Ainda que a energia elétrica tenha concentrado seu efeito na inflação de setembro, existem reflexos que contaminam os serviços, a produção industrial. Tivemos uma crise hídrica que trouxe problemas para o campo, com quebra de safra de cana e derivados, no caso do etanol. Isso tem efeito sobre a gasolina, porque 27% da gasolina é álcool anidro.

Até quando teremos índices de inflação tão elevados?

Acho que a inflação vai continuar batendo à nossa porta até abril do ano que vem. A partir de maio, com a ajuda da energia elétrica, ela começa a desacelerar. A queda no preço da energia elétrica foi prometida pela Aneel a partir de maio, com o fim da bandeira de escassez.

Teremos inflação mensal na casa de 1% até abril?

Acredito que a inflação mensal na casa de 1% vai durar até janeiro, fevereiro. Em dezembro, a demanda será mais forte por conta do pagamento do 13.º salário, mesmo com a economia mais fraca. Janeiro é um mês de férias, com gastos em viagens. Em fevereiro, a pressão virá de tarifas públicas importantes, como transportes coletivos, e das mensalidades escolares.

Inflação nos EUA é a mais alta desde 1990 (11/11/2021)

Reuters

O índice de preços ao consumidor (CPI, na sigla em inglês) dos Estados Unidos subiu 0,9% em outubro ante setembro, quando ficou em 0,4%. A inflação acumulada em 12 meses chega a 6,2%, a mais alta desde novembro de 1990.

Itaú permitirá que cliente ‘pule’ parcelas de crédito imobiliário (11/11/2021)

Broadcast

O Itaú Unibanco vai permitir que clientes de crédito imobiliário “pulem” até duas parcelas dos financiamentos a cada 12 meses. O novo serviço, chamado Pula Parcela, estará disponível a clientes que têm financiamentos em dia com as prestações e também para novos contratos. O valor das parcelas postergadas, além de juros e encargos, será diluído nas demais. “Ouvindo os clientes, percebemos que a inovação do Pula Parcela auxiliará muito na organização financeira, permitindo mais autonomia e flexibilidade”, disse, em nota, o executivo do banco para a área, Thales Ferreira Silva.

C&A paga R\$ 415 mi ao Bradesco por serviços financeiros (11/11/2021)

Broadcast

A C&A concluiu negociações com o Bradesco para voltar a oferecer produtos financeiros que eram até então explorados exclusivamente pelo banco em suas lojas. Para reassumir a operação, a empresa vai pagar R\$ 415 milhões e lançará, já no mês que vem, o C&A Pay, solução que promete uma experiência totalmente digital e de fácil contratação. Ainda vai levar, no entanto, dois anos para que os produtos do Bradesco deixem de ser vendidos nas unidades, como prevê a transição acertada entre as partes. O acordo também inclui a manutenção da base atual dos cartões C&A da parceria para evitar ruptura dos serviços aos clientes.

Virtuspay, fintech de cofundador da 99, capta R\$ 125 milhões (11/11/2021)

Broadcast

Após assediarem por todas as frentes os clientes de média e alta renda, bancos e fintechs começam a avançar na disputa pelos consumidores com pouco ou nenhum crédito. É um desafio maior. Apesar de ser grande parte da população brasileira, é um público sem histórico de crédito e, portanto, cujas taxas de calote – e os juros a serem cobrados pelos empréstimos – são difíceis de calcular. Mesmo assim, iniciativas levadas adiante por instituições de todos os portes e tipos começam a mostrar resultados e a receber mais aportes. A Virtuspay, fintech comandada por Gustavo Câmara, um dos cofundadores da 99, recebeu R\$ 125 milhões este ano.

A Virtuspay atende aqueles que têm cartão, mas cujos limites são muito baixos. Por meio do aplicativo ou em sites de grandes varejistas ou lojas online de viagens, o consumidor consegue parcelar suas compras, mesmo sem ter notas oficiais e histórico de crédito. “Não é difícil emprestar”, afirma Gustavo Câmara. “Difícil é receber”. Para ele, o fato de grandes gestoras terem se interessado significa que a empresa desenvolveu uma “boa fórmula para emprestar dinheiro”. Isso porque as vendas online enfrentam, além da inadimplência, risco de fraude maior.

Assim, a Virtuspay tenta resolver problemas comuns a muitas pessoas em larga escala. A Virtuspay está longe de ser a única a oferecer financiamento a quem não tem crédito. Há várias fintechs que oferecem a infraestrutura para operações de crédito a lojistas e mesmo bancos digitais, como o Neon, que diz investir na educação financeira de desbancarizados, ao incluí-los em sua base.

Expansão do Caixa Tem (11/11/2021)

Broadcast

No fim de outubro, a Caixa Econômica Federal disse esperar emprestar a 20 milhões de pessoas por meio do Caixa Tem, aplicativo usado no Auxílio Emergencial. São linhas de crédito entre R\$ 300 e R\$ 1 mil, com taxa de 3,99% ao mês.

Inovações no Varejo (11/11/2021)

Broadcast

Se ter uma operação online forte é o sonho de todo varejista, a plataforma Privalia percebeu que ter o contato físico com o consumidor também faz a diferença. Após o sucesso da segunda edição do “Casa Privalia”, no fim de outubro, a empresa resolveu organizar um roteiro itinerante de lojas pop up, com tempo determinado de duração. Além de São Paulo, agora a Casa Privalia vai acontecer em Minas Gerais, no Distrito Federal e no Sul. O objetivo é criar uma nova vertical de negócios, para trazer reconhecimento de marca e se aproximar de clientes em praças estratégicas. A expectativa é que a nova linha de receitas se torne importante nos resultados.

Na segunda edição do evento, foram vendidas mais de 64 mil peças. Foi o dobro do realizado em 2019 e representou a saída de 80% do estoque, ante 45% na edição de dois anos atrás. Os descontos foram de até 90%, em marcas como Arezzo, Clinique, Cantão, Hering e Levi’s, entre outras.

Queda dos juros favorece varejo (11/11/2021)

Broadcast

Os papéis das empresas de varejo tiveram recuperação diante da hipótese de retomada de bons resultados, com a expectativa de queda dos juros no longo prazo, de acordo com analistas. O Magazine Luiza liderou os ganhos do índice, com alta de 10,06%, seguido por Americanas ON, que subiu 7,65%. Via ON e Lojas Americanas PN também tiveram ganho superior a 6% no pregão de ontem.

Preço e planejamento andam juntos (11/11/2021)

O Estado de S. Paulo

Quando o assunto deixa o campo técnico e passa para o político, muitas vezes surgem distorções no horizonte. Com o setor energético não é diferente. A MP da Eletrobras, aprovada no Congresso Nacional, determinou a construção de 8 mil megawatts de termelétricas de gás natural que vão precisar operar sempre. A falta de planejamento e governança do setor são motivos que têm sustentado não apenas o alto

preço da energia, como as crises dos últimos anos, segundo Ildo Sauer, pesquisador da USP. Isso não significa que o problema atual que o Brasil vive não tenha uma questão de conjuntura, uma vez que a crise hídrica é uma das mais graves de que se tem notícia.

“Conceitos precisam ser revistos na forma como planejamos a expansão do setor energético, como contratamos essas ampliações e como se dá a operação dos recursos disponíveis”, afirma Sauer. Na visão do pesquisador, com grande experiência na área, o Brasil está sujando sua matriz energética nos últimos anos ao optar pelo uso cada vez maior das usinas térmicas. “Elas são caras e poluentes. A saída hoje é combinar cada vez mais as fontes fotovoltaicas, solar e hídrica, com cogeração”, explica o especialista.

Existem outros projetos em curso no Congresso que também vão mexer com o bolso dos consumidores. Um deles, sobre as chamadas fontes de geração distribuída, é importante porque vai forçar a discussão sobre os subsídios do setor. A questão de retirar os subsídios das fontes de energia renovável é uma das que divide opiniões. Economistas como Elena Landau, ex-diretora do BNDES, defendem a tese de que, por serem fontes já maduras, tanto a eólica quanto a solar não precisa mais de apoio por meio de recursos pagos por todos os consumidores. Mas os dirigentes da Associação Brasileira de Energia Solar (Absolar) analisam o problema de outra forma. Segundo eles, a energia distribuída, ou seja, aquela que vem do sol ou do vento e passa a ser injetada na rede, reduz a conta de todos. Por isso, é preciso que sejam feitos estudos para saber até que ponto os subsídios são ou não necessários, defende a Absolar.

Digitalização pavimenta o futuro do setor de energia (11/11/2021)

O Estado de S. Paulo

Há 10 ou 15 anos, se alguém falasse que dava para trocar de operadora de celular a qualquer momento, levando o próprio número e escolhendo o que consumir, soaria como algo distante ou impossível. É este o momento vivido pelo setor de energia elétrica, hoje um mercado cativo para os consumidores residenciais, mas com um horizonte de livre negociação e preços menores. O caminho está sendo pavimentado pela crescente digitalização do setor, o que dá mais eficiência a toda a cadeia.

“A digitalização é um viabilizador de abertura de mercado ao contribuir para elevar o nível de automação e dos canais de relacionamento”, explica Rene Abrantes, gerente de Relacionamento com Cliente da Votorantim Energia, empresa que atua na comercialização e geração de energia renovável. A empresa passou a orientar sua gestão para dados visando à transformação de todo o setor elétrico. Os ganhos com a adoção de processos digitais já são uma realidade em várias partes da cadeia de energia.

Na geração, a análise de dados permite mais eficiência na operação, possibilitando mais energia nos momentos de maior consumo, evitando desperdício. O projeto de parque híbrido da Votorantim Energia, que vai combinar energia solar e eólica, é um bom exemplo. “A usina eólica já em operação e a solar que será construída para gerar em associação são plantas já com tecnologia embarcada, inteligência de dados e algoritmos que permitem combinar as duas fontes, otimizando a produção e reduzindo o custo”, explica Abrantes. Na comercialização, é possível combinar o perfil do consumidor com o perfil de geração, com melhor precificação da energia. “Posso ter um produto que incentive o cliente a mudar seu perfil de consumo e demandar mais energia nos horários em que é mais barato comprar da geradora.” Os ganhos vão chegar até o consumidor residencial após a abertura de mercado no futuro próximo. A velocidade dos dados vai abrir o leque de opções de produtos, simplificando termos como sazonalização do consumo ou taxas por excedente contratado, diz Abrantes.

Conteúdo sobre política é o maior vetor de desinformação do Facebook no Brasil (11/11/2021)

Reuters

Documentos internos do Facebook mostram que conteúdos políticos são os maiores vetores de desinformação do Brasil, segundo a percepção dos próprios usuários da rede social. O estudo elaborado pela empresa mapeiam quais são as principais categorias de materiais responsáveis por espalhar “desinformação cívica”, termo usado pela empresa para publicações enganosas relacionadas à política e à democracia. A revelação está contida nos “Facebook Papers”, um pacote de documentos da empresa liberados para um consórcio internacional de veículos, New York Times, Washington

Post, Guardian e Le Monde. Em estudo revelado, em julho de 2020, o Facebook mapeou sete tipos de fontes de desinformação cívica que se destacam nas suas plataformas. A intenção era identificar as experiências negativas dos usuários nos serviços. Foram incluídos sete países: Brasil, Colômbia, Indonésia, Índia, Japão, Reino Unido e EUA.

Segundo o documento, os conteúdos de mensagem política foram apontados como vetores de desinformação por 60% no Facebook dos brasileiros entrevistados. Embora o documento não forneça uma definição clara sobre a que se refere a expressão “mensagem política”, o contexto da pesquisa dá a entender que se trata de mensagens postadas por figuras políticas e seus apoiadores nas redes. A comparação com outros países deixa claro que o peso das mensagens políticas é uma realidade brasileira. Nos EUA, esse número fica em 30%. Na Índia, um dos principais mercados dos produtos do Facebook no mundo, a marca é de 46%. Apenas a Colômbia é maior do que o Brasil em relação à desinformação via mensagens políticas no Facebook: 66%. A segunda maior marca de alcance em desinformação cívica no País, de acordo com a pesquisa, são artigos em sites, com cerca de 59%. Em seguida, aparecem as categorias piadas (42%), publicidade (32%), contas falsas (25%), fraudes (23%) e mensagens de spam (20%).

Todas as porcentagens foram calculadas de acordo com as respostas dos entrevistados brasileiros – que somaram 5 mil usuários de apps da empresa, ao todo. A fatia desses participantes que efetivamente respondeu sobre o Facebook não foi apresentada. Foram incluídos resultados dos outros serviços da empresa: Whatsapp, Instagram e Messenger. Nesses apps, o Brasil se destaca pela quantidade de desinformação via artigos em sites, com 60% dos conteúdos percebidos no Whatsapp. Mensagens políticas aparecem na segunda posição, com 50%, e publicidade vem atrás, com 49% dos conteúdos no mensageiro.

‘Precisamos ter responsabilidade durante a crise’ (11/11/2021) **O Estado de S. Paulo**

Depois de atingir, em dezembro de 2020, o status de “unicórnio” (startup avaliada em mais de US\$ 1 bilhão), a Credits tem vivido meses de crescimento: no terceiro trimestre, teve aumento de 233% na receita em comparação com o mesmo período de 2020, atingindo R\$ 257,1 milhões. O espanhol Sergio Furio, fundador da startup, explica a estratégia de crescimento e afirma que a definição de “fintech de

crédito” ficou pequena para a Creditas. “Queremos ser o centro da vida das pessoas ao redor de três ativos: casa, carro e salário”, afirma. Com a crise no Brasil, porém, a startup enxerga que precisa pensar de forma cuidadosa a concessão de crédito. Para ele, a empresa carrega uma grande responsabilidade junto aos clientes. Leia, a seguir, os principais trechos da entrevista:

A Creditas teve crescimento de receita de 233%. A que você atribui esse resultado?

Os bons ventos da digitalização ajudaram, e ser uma empresa de tecnologia nos permite acelerar mais rápido – se eu tivesse um modelo de varejo puro, por exemplo, precisaria ir abrindo lojinhas aos poucos. Conseguimos encontrar um modelo de negócio digital que funciona com baixo custo. Outra coisa que ajudou foi a configuração do nosso ecossistema de produtos. Fizemos uma migração de fintech de crédito focada em home equity (com imóvel como garantia) e auto equity (garantido por um carro) para um ecossistema de soluções tecnológicas, que está funcionando muito bem.

Ao mesmo tempo, as perdas quase dobraram para R\$ 81,2 milhões. Por quê?

Geramos margem pelo spread do crédito (diferença entre o valor de captação e de concessão do recurso), e nosso crédito médio é de 8 anos. Para trazer esses clientes, invisto em marketing e pessoas, mas isso trará retorno com o tempo. Uma empresa em crescimento, quanto mais cresce, mais gasta, mas é um investimento na margem futura. Por isso a receita da Creditas aumenta no tempo de forma exponencial.

Por que a Creditas não é um banco digital completo?

Se, em vez de comprar e vender carros, fôssemos um banco digital, seríamos só mais um. A visão do banco é ser o centro da vida financeira do cliente, e queremos ser o centro da vida da pessoa em volta de três ativos: casa, carro e salário. A Creditas quer acompanhar o cliente nas diferentes necessidades de sua vida: financio o veículo, dou crédito de liquidez, troco seu carro, faço manutenção e seguro, tudo em um lugar só.

Por que fazer uma parceria com o Nubank? O que muda na Creditas?

Estamos bastante empolgados com a parceria. Vamos distribuir nossos produtos pelo aplicativo do Nubank, e eles podem virar nossos acionistas – poderão comprar até 7,7%. As duas empresas têm muito em comum e atacam o mesmo problema de ângulos

diferentes. Há três meses temos times do Nubank e da Credits trabalhando conjuntamente no desenho da experiência para o usuário.

Preço da Gasolina (11/11/2021)

Folha de São Paulo

O preço da gasolina não para de subir nos postos brasileiros. Na pesquisa da ANP feita na semana passada, ela chega a custar R\$ 7,999 por litro em Bagé (RS), cidade com o maior valor no levantamento. Em números: o combustível foi vendido a R\$ 6,71 por litro na média nacional, refletindo os repasses do último reajuste da Petrobras, de 7%, no fim de outubro. O valor é um novo recorde da pesquisa da ANP, que começou a ser feita em 2002. O preço do diesel também segue em alta, chegando a R\$ 5,339 por litro, na média nacional. É um avanço de 47,2% frente ao final do ano passado (R\$ 3,628).

Entenda como a alta do preço do combustível afeta a economia. O que explica: os reajustes da Petrobras acompanham a alta nas cotações internacionais do petróleo e a desvalorização do real frente ao dólar. Mesmo assim, o setor ainda vê defasagem nos preços e pede novos aumentos como respeito à paridade de importação, sob o risco de problemas de abastecimento.

Bolsonaro x Petrobras: a estatal tem sido alvo de ataques do presidente por causa da alta nos preços dos combustíveis. Ele voltou a reclamar do elevado lucro da estatal e defender sua privatização. Começou a vigorar neste mês o congelamento dos preços de referência para cobrança do imposto estadual sobre os combustíveis. No Congresso, a Câmara já aprovou projeto que muda regra da cobrança do ICMS sobre os combustíveis. A matéria aguarda a apreciação do Senado.

Os textos do conteúdo exposto neste informativo não são de autoria do Governo do Estado do Ceará.

Assessoria de Comunicação – Sedet

Fone: (85) 3444.2900

www.sedet.ce.gov.br